

O PERIGO A SER EVITADO NUMA REFORMA

*Heber Carlos de Campos**

RESUMO

Existe uma curiosa tensão entre os dois principais fundadores da tradição luterana: Martinho Lutero e seu colega e sucessor Filipe Melanchton. Embora tenha nutrido grande amizade e admiração pelo seu mestre ao longo da vida, Melanchton veio a afastar-se do pensamento do pioneiro em duas questões importantes: as ações divina e humana na salvação e o entendimento da presença de Cristo na Ceia. Deixando o seu monergismo inicial, a afirmação da incapacidade da vontade humana, o Mestre da Alemanha veio a abraçar uma postura sinergista, insistindo no “consentimento da vontade à palavra de Deus” como um dos requisitos para a salvação. No que diz respeito ao sacramento da Ceia, Melanchton afastou-se sutilmente da consubstanciação para uma posição mais próxima de Calvino, com o seu entendimento da presença real no sentido espiritual. Essas posturas deram origem a um forte e duradouro debate entre os partidários dos dois reformadores – gnesio-luteranos e filipistas – que perdura até hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Martinho Lutero; Filipe Melanchton; Livre arbítrio; Monergismo; Sinergismo; Ceia do Senhor; João Calvino; Consubstanciação; Presença real.

INTRODUÇÃO

“Tempos de Reforma são sempre bem-vindos”. Esta frase agradava aos que viviam no século 16 e estavam cansados da mesmice e de erros de séculos que eram vigentes na igreja medieval. Todavia, esses tempos não eram

* Doutor em Teologia (Th.D.) pelo Concordia Seminary, Saint Louis, Missouri; professor de teologia sistemática no CPAJ; pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana Paulistana.

bem-vindos para aqueles que apreciavam o *status quo* eclesiástico – o grupo do lado de Roma.

“Tempos de Reforma podem ser muito amargos”. Via de regra, os campos opostos entram em choque profundo e sempre uma parte, quando não as duas, sai ferida. Esses tempos amargos produzem alguns resultados bons dum lado e ruins do outro.

“Tempos de Reforma podem favorecer o radicalismo”. Um dos resultados amargos de uma reforma é o surgimento de radicalismo de ambos os lados. Dificilmente um grupo é concessivo em suas posições. Como cada grupo quer manter a sua posição, eles vão a extremos, nem sempre convenientes.

“Tempos de Reforma podem ocasionar alijamentos”. A consequência do radicalismo se mostra muito evidente nos alijamentos teológicos e mesmo no alijamento de vidas ocorridos na história. Todo radicalismo leva a comportamentos extremos nos quais uma parte fica ferida e se sente alijada. Essas reações são quase inevitáveis, mas algumas delas podem ser pecaminosas. Via de regra, os que vencem no movimento são os que alijam aqueles que pensam diferentemente. O alijamento pode ser de natureza teológica ou mesmo física.

Neste artigo, analisamos, sob a ótica do luteranismo mais ortodoxo evidente na opinião recente de elementos ligados aos luteranos do Sínodo de Missouri, os desvios teológicos de Philip Schwartzerd que veio a ser conhecido historicamente como Filipe Melanchton (1497-1560).

1. O QUE ACONTECEU COM A TEOLOGIA DE MELANCHTON?

Melanchton nasceu numa família proeminente em Bretten, na Alemanha. Era 14 anos mais jovem do que Martinho Lutero (1483) e 12 anos mais velho que João Calvino (1509). Por causa de sua inteligência e de seu preparo humanista, foi conhecido e altamente respeitado como o “Professor da Alemanha” (*Praeceptor Germaniae*).¹

Como é comum em grandes líderes, sempre há mudanças de pensamento teológico na carreira de um grande expoente de teologia. Não foi diferente com Melanchton. O problema é que para alguns as mudanças foram para melhor e, para outros, elas foram para pior. Aos olhos dos luteranos conservadores, as mudanças de Melanchton foram para pior.

Vistos pela perspectiva luterana, ele teve duas falhas teológicas, que lhe custaram muito caro, não especialmente em sua época, mas posteriormente. Uma de suas “falhas” teve uma conotação ligeiramente libertária e outra uma conotação calvinista sobre a ceia. Como um reformado, penso que a primeira mudança em Melanchton foi para pior e a segunda para melhor, mas essa é apenas uma questão de opinião. Vejamos a primeira falha teológica de Melanchton.

¹ Ver o artigo “The Synergistic Controversy”, *The Concordia Lutheran*, set.-out. 1995. Disponível em: http://www.concordialutheranconf.com/clc/cl_articles/CLO_articlePRB_sept1995.cfm. Acesso em: jul. 2005.

1.1 A falha sinergista de Melanchton

O sinergismo que começou a existir dentro dos círculos luteranos na época da Reforma e que foi defendido por Melanchton tinha como raciocínio o seguinte:

Visto que todos os homens que estão perdidos são eternamente condenados por suas próprias faltas, de modo que Deus não deve ser culpado, mas somente eles, por rejeitarem a graça de Deus em Cristo Jesus, aqueles que são convertidos devem ao menos receber um pequeno crédito em relação à sua salvação eterna – talvez uma melhor atitude para com o Evangelho do que aqueles que são perdidos. Nesse assunto, o sinergismo é evidentemente muito sutil e perigoso... visto que ele reduz a cooperação do homem a um mínimo aparentemente inofensivo que um cristão que não desconfia poderia facilmente aceitar para a sua eterna destruição.²

A fim de compreender o desenvolvimento do pensamento teológico de Melanchton, de maneira muito rápida, vejamo-lo em três décadas sequenciais de sua vida.

1.1.1 O Melanchton da década de 1520 era monergista

Em 1520, nas notas preliminares de sua primeira edição dos *Loci Communes* (Lugares Comuns), Melanchton negou à vontade humana qualquer tipo de liberdade. Na edição dos *Loci* de 1521, ele escreveu: “Visto que todas as coisas que ocorrem, ocorrem necessariamente, de acordo com a predestinação divina, a liberdade da vontade humana não é nada”.³ As ideias de Melanchton no começo da Reforma podem ser entendidas como chegando às raias do determinismo, que era um pensamento não muito comum naquela época. No começo da Reforma, portanto, certamente Melanchton não tinha nenhuma tendência sinergista. Nas primeiras edições de seus *Loci Communes* ele parecia mais um partidário da dupla predestinação.

No tempo em que escreveu a *Confissão de Augsburgo* e sua *Apologia*, Melanchton tinha evitado qualquer erro sinergista. Os homens caídos não possuíam qualquer liberdade espiritual para o bem. Ele incluiu um artigo sobre o livre arbítrio na *Confissão de Augsburgo* (1530), no qual admitiu uma liberdade qualificada, tal como usar ou não usar um casaco. Mesmo nesta matéria, ele a chamava de “uma espécie de liberdade” (*quaedam libertas*). O homem poderia escolher fazer alguma coisa na esfera da justiça civil, mas não da justiça espiritual. Melanchton ficou com essa posição por vários anos,

² Ibid.

³ *Corpus Reformatorum*, 14, apud DRICKAMER, John M. “Did Melanchton Become a Synergist?” *Springfielder*, Vol. 40, Nº 2 (abril 1976). Disponível em: <http://www.ctsfw.net/media/pdfs/drickamer-melanchtonsynergist.pdf>. Acesso em: jul. 2017. Grifos meus.

tendo-a ensinado também em seus comentários sobre o Evangelho de João (1523) e Provérbios (1524), e nos sumários doutrinários que escreveu para Filipe de Hesse, em 1524.⁴

Tem sido sugerido que Melanchton começou a alterar o seu conceito de conversão durante a controvérsia entre Lutero e Erasmo de Roterdã sobre a liberdade da vontade. Ele ficou alegre quando Erasmo asseverou a liberdade da vontade em sua obra *Diatrobe* (1524), por causa do apreço de Erasmo pelo humanismo, que ficou claro em sua controvérsia com Lutero, o qual, por sua vez, acabou escrevendo a famosa obra *De Servo Arbitrio* (1525), na qual foi negado qualquer tipo de liberdade em assunto espiritual.

Entretanto, na edição de 1525 dos *Loci Communes* ele fortaleceu algumas das afirmações sobre a predestinação. Dois anos mais tarde, em 1527, num comentário sobre Colossenses, ele novamente negou que a vontade humana pudesse contribuir em qualquer coisa para a conversão. A conversão era inteiramente um feito de Deus.⁵ Nessa década, assim como Lutero, ele era realmente um monergista!

1.1.2 O Melanchton da década de 1530 começou a pender para o sinergismo

Os pressupostos libertários de Erasmo influenciaram a mente mais brilhante da Reforma Luterana, Filipe Melanchton. À medida em que o tempo passava, mais a teologia dele

inclinou-se para o pensamento libertário de Erasmo, e isto já pode ser deduzido de uma carta datada de 22 de junho de 1527, escrita a Veit Dietrich, em que ele disse que desejava uma exposição mais completa também das doutrinas da predestinação e da do consentimento da vontade.⁶

Entretanto, ainda que tivesse mantido em segredo a sua posição ligeiramente sinergista, ao seu grande companheiro de luta essa nova inclinação não passou despercebida.

1.1.2.1 Lutero sabia do sinergismo de Melanchton

Um pouco depois de 1530, Melanchton já não parece concordar de coração com Lutero nas doutrinas da graça e do livre arbítrio. Lutero não ignorava essa tendência libertária secreta de Melanchton, que vinha de Erasmo. Em 1536, quando os desvios de Melanchton chegaram de forma escrita aos olhos de Lutero, este exclamou: “*Haec est ipsissima theologia Erasmi*” (Esta é uma

⁴ DRICKAMER, “Did Melanchton Become a Synergist?”.

⁵ Ibid., p. 13.

⁶ BENTE, F. *Historical Introductions to the Book of Concord*. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1965, p. 128. Grifos meus.

teologia idêntica à de Erasmo), e não pode haver qualquer coisa mais oposta à nossa doutrina”.⁷

Melanchton começou a sua primeira grande revisão dos *Loci* em 1533 e a publicou em 1535. Nessa época, ele já estava falando de uma real contribuição da vontade humana no processo da conversão. Ele alterou a apresentação sobre a necessidade e a liberdade para incluir a ideia de que os homens e demônios eram livres para se opor a Deus e ao evangelho. Comentando sobre os *Loci* de Melanchton de 1535, Paul Tschackert (1848-1911) diz:

Melanchton quer tornar o homem responsável por seu estado de graça. Nem a vontade humana em razão do pecado original perde a capacidade de decidir-se quando incitada; a vontade não produz nada novo por seu próprio poder, mas assume uma atitude para com aquilo que a aborda. Quando o homem ouve a Palavra de Deus, e o Espírito Santo produz afeições espirituais em seu coração, *a vontade pode tanto assentir como voltar-se contra ela*.⁸

Enquanto Melanchton (em seus *Loci* de 1543) havia falado de três causas de uma boa ação (*bonae actionis*), ele agora publicamente advogava a doutrina das três causas concorrentes da conversão. Repudiando o monergismo de Lutero, ele esposou e defendeu os poderes da vontade livre em assuntos espirituais.⁹

1.1.2.2 Melanchton admitiu o seu sinergismo

Depois de ficar do lado de Lutero a respeito da incapacidade humana em questões espirituais, no começo de sua carreira em Wittenberg, Melanchton deu uma guinada teológica afirmando que há três causas concorrentes da conversão (o Espírito Santo, a Palavra e o consentimento da vontade do homem), discordando do monergismo de Lutero.

Durante o restante do tempo de vida de Lutero, Melanchton não fez mais nenhum progresso em direção ao seu sinergismo. Ele próprio admitiu que dissimulava, mantinha suas opiniões consigo mesmo e as escondia de seus amigos. Entretanto, após a morte de Lutero, ele saiu publicamente em favor do sinergismo, endossando até mesmo a definição de Erasmo de livre arbítrio como sendo “o poder no homem para aplicar-se à graça”.

1.1.3 O Melanchton da década de 1540 em diante tornou-se mais claramente sinergista

A terceira geração dos *Loci* de Melanchton pode ser datada de 1544, embora não apresente muitas mudanças como aconteceu com as edições da

⁷ Ver *ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*, p. 129.

segunda geração, na década de 1530. Lutero havia examinado as primeiras edições e não falou nada contra elas. Mais tarde, em 1544, ele escreveu: *Não tenho absolutamente nenhuma suspeita em relação a Filipe, Flacius e Hesshusius, que se tornaram amargos oponentes do sinergismo no passado, quando a controvérsia surgiu.*¹⁰

No entanto, Lutero elogiou fortemente a edição de 1545 dos *Loci*. Provavelmente, Lutero não teve coragem de criticar seu antigo e amado companheiro de teologia. É importante reconhecermos que as nossas afeições podem frear os nossos desejos de destruir aqueles que pensam diferentemente de nós! Talvez por essa razão Lutero silenciou diante do sinergismo de Melanchton, mesmo sabendo do que acontecia dentro da alma do seu companheiro e de suas ligeiras menções ao seu próprio sinergismo.

1.2 As três causas de Melanchton

Na edição de seus *Loci* em 1559, Melanchton mencionou novamente “as três causas”, que são conectadas, de alguma forma, ao libertarismo: “A Palavra de Deus, o Espírito Santo e a vontade humana assentindo à Palavra de Deus e não se opondo a ela”.¹¹ Ele escreveu que “Deus começa e atrai por sua Palavra e seu Espírito Santo, mas nós deveríamos ouvir e apreender, isto é, apreender a promessa e assentir a ela, não nos opor a ela, não dar lugar para desconfiar ou duvidar dela”.¹²

Melanchton não vê isto como o homem começando a conversão, mas reagindo à Palavra de Deus. Entretanto, ele vê algumas coisas que a vontade humana faz, consentindo no que o Espírito faz.

A obra do Espírito é eficaz somente se a mente abraça a promessa e luta contra a falta de fé. Ele até admitiu a ideia de o homem possuir uma faculdade de aplicar a si mesmo a graça, em termos de ouvir a promessa, tentar assentir e rejeitar os pecados contra a consciência.¹³

Quando perguntado sobre “Por que alguns aceitam e outros não?”, ele respondeu que a diferença está no homem. Ele cita o exemplo de Saul ter rejeitado e Davi ter aceito. Há alguma ação dissimilar nos dois.¹⁴ Na verdade, esse pensamento chamado sinergista é do luteranismo conservador, não simplesmente de Melanchton.

¹⁰ Apud DRICKAMER, “Did Melanchton Become a Synergist?”, p. 98. Grifos meus.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

1.2.1 Os anos de sinergismo secreto de Melanchton

Nos seus primeiros anos, Melanchton ensinou forte monergismo, ombreando com Lutero contra Erasmo, mas em meados da década de 1530, iniciou uma inclinação para o sinergismo. No final de seus dias, ele ensinou o sinergismo que manteve ligeiramente secreto durante anos. Não podemos nos esquecer de que Melanchton “não foi acusado de sinergismo em sua época ou por mais de uma década, ainda que afirmações similares a estas tivessem sido publicadas em vários lugares”.¹⁵

1.2.2 A reação de Lutero ao sinergismo de Melanchton

Lutero, que o acompanhou em sua trajetória, e que expressava muito fortemente um monergismo, “nunca objetou à doutrina da conversão de Melanchton”.¹⁶ Se Lutero tivesse alguma coisa séria contra Melanchton, ele teria dito do seu descontentamento a algum amigo próximo.¹⁷ Talvez Lutero não tenha dito nada a respeito do pensamento de Melanchton pela grande apreciação e respeito de que este gozava.

1.2.3 A reação dos luteranos radicais ao sinergismo de Melanchton

Foi somente após o Interim de Leipzig, no final de 1548, mais de dois anos após a morte de Lutero, que alguns luteranos começaram a criticar o libertarismo de Melanchton. Na verdade, os gnesio-luteranos criticam em Melanchton o que eles mesmos creem sobre a relação entre a obra do Espírito e a Palavra.

2. A FALHA CALVINISTA DE MELANCHTON

Este segundo erro foi ainda mais dolorido para os luteranos radicais porque Melanchton começou a pender para o pensamento dos zuinglianianos e calvinistas, a quem ele tanto combateu no início de sua carreira teológica à frente do luteranismo.

2.1 *Melanchton ombreia com Lutero na Eucaristia*

Nos seus primeiros anos, Melanchton ombreou com Lutero na doutrina da eucaristia. Schaff diz que, nos seus primeiros anos, Melanchton esforçou-se por encontrar nos pais da igreja pessoas que ficassem do lado de Lutero na doutrina da Eucaristia. Ele citou Cirilo, Crisóstomo, Hilário, Cipriano, etc. Ele até tentou trazer Agostinho para o lado de Lutero, mas não foi muito feliz em seu intento. Admitiu que havia escritos de outros pais, como Jerônimo,

¹⁵ Ibid., p. 98.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid.

Gregório de Nazianzo e Basílio que poderiam ser contra a doutrina da eucaristia de Lutero.¹⁸

Melanchton havia sido fiel aos ensinamentos de Lutero sobre a Ceia até 1529, no Colóquio de Marburg, quando ele se insurgiu contra o radicalismo teológico de Zuínglio. Em 15 de maio de 1529, em sua *Opinion*, ele escreveu: “Eu estou satisfeito de que não concordarei durante toda a minha vida com os de Estrasburgo, e sei que Zuínglio e seus companheiros escrevem falsamente com respeito ao Sacramento”.¹⁹ Em 20 de junho do mesmo ano, numa carta a Jerome Baumgaertner, ele também escreveu: “Eu preferiria antes morrer do que ver nosso povo tornar-se contaminado por associação com a causa zuíngliana”.²⁰ Melanchton veio a fazer exatamente o que ele condenou nos seus adversários envolvidos na questão sacramentária. Vejamos, de forma bem resumida, o desenvolvimento do seu pensamento eucarístico.

2.2 Melanchton se aparta de Lutero na Eucaristia

Melanchton deu um salto teológico, ainda que imperceptível aos que não estão familiarizados com a grande controvérsia havida entre luteranos, zuínglianos e posteriormente, calvinistas.

2.2.1 Na Confissão de Augsburgo de 1530 ele ombreou com Lutero na questão da Eucaristia

Melanchton havia sido o autor da *Confissão de Augsburgo* em 1530, expressando a confissão luterana sobre a eucaristia.

Art. 10 – “A respeito da Ceia do Senhor, eles ensinam que o corpo e o sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes, e são distribuídos (comunicados) àqueles que comem na Ceia do Senhor. *E eles desaprovam aquele que ensinam de outra maneira*”.

A princípio, portanto, Melanchton discordou do radicalismo teológico de Zuínglio, mas pouco a pouco foi estabelecendo correspondência com Martin Bucer e João Calvino, ficando totalmente convencido de que Agostinho dava suporte ao pensamento reformado na interpretação simbólica das palavras da instituição.²¹

¹⁸ SCHAFF, Philip. *The Creeds of Christendom*. 3 vols. Grand Rapids, MI: Baker, 1984, vol. 1, p. 263.

¹⁹ Citado por BENTE, *Historical Introductions*, p. 175.

²⁰ Ibid.

²¹ Neste particular Schaff diz que Melanchton foi fortemente influenciado pelo *Dialogus* de Eco-lampádio (1530), dirigido contra as suas *Sententiae*. SCHAFF, *Creeds of Christendom*, vol. 1, p. 264, nota 1.

2.2.2 Na Confissão de Augusburgo de 1540 ele começou a divergir de Lutero na questão da Eucaristia

Embora nunca tenha formulado um documento bem desenvolvido sobre a presença real, Melanchton veio a concordar substancialmente com Bucer e Calvino. Logo depois de seus contatos mais constantes com os reformadores de Estrasburgo e Genebra, ele começou a desistir da interpretação literal das palavras da instituição, como ensinada por Lutero. Desistiu também da *manducatio oralis* do corpo de Cristo.

Depois dos seus contatos com Bucer e com Calvino, ele introduziu no artigo sobre a Ceia uma nova convicção, aproximando-se da visão reformada de Eucaristia, que passou a ser parte da nova versão da *Confissão de Augsburgo*, dez anos depois, em 1540. Essa nova edição da Confissão passou a ser conhecida como *Variata*.

Art. 10 – “Com respeito à Ceia do Senhor, eles ensinam que ‘com’ o pão e o vinho são verdadeiramente exibidos o corpo e o sangue de Cristo àqueles que comem na Ceia do Senhor”.

Segundo os luteranos rígidos, as mudanças de opinião sacramentária de Melanchton culminaram na sua alteração do Artigo 10 da Confissão de Augsburgo, na edição de 1540, que ficou sendo conhecida como *Variata*, para favorecer os calvinistas.

Sendo um pouco ácido em sua crítica, e torcendo ligeiramente uma citação de Schaff, Bente diz: “A ideia de Calvino da ceia do Senhor foi, de vários modos, oficialmente reconhecida na *Confissão de Augsburgo* de 1540”.²² O que Bente não coloca é o que o próprio Schaff diz:

A ideia posterior de Melanchton sobre a ceia do Senhor, que essencialmente concordava com a de Calvino, foi por vários anos acolhida pela maioria dos teólogos luteranos, mesmo em Wittenberg e Leipzig, e na corte do Eleitor da Saxônia. Ela foi também de vários modos oficialmente reconhecida com a Confissão de Augsburgo de 1540, *que foi por muito tempo considerada como uma melhora antes do que uma edição alterada*.²³

Toda a região do sul da Alemanha estava altamente influenciada pelo pensamento de Calvino quanto à ceia. E os teólogos da fonte do luteranismo, de Wittenberg, também estavam do lado dos calvinistas. Isto causava dor profunda nos gnesio-luteranos, que passaram a odiar o conteúdo alterado da *Variata*. De

²² BENTE, *Historical Introductions*, p. 178.

²³ SCHAFF, *Creeeds of Christendom*, vol. 1, p. 280. Grifos meus.

fato, ela era uma melhora antes do que uma simples alteração. Assim sempre sentiram os reformados, que vieram a subscrevê-la, sobretudo Calvino.

Em 1540 e 1542, Melanchton reescreveu algumas partes da Confissão a fim de reconciliá-las com a visão calvinista. O próprio João Calvino assinaria a Confissão de 1540. Melanchton apresentou uma visão modificada da presença real ensinada por ele próprio na edição de 1530. Todavia, nunca gostou da ideia de uma presença simbólica proposta por Zuinglio, nem adotou abertamente a visão calvinista de uma presença real espiritual, mas ficou bem perto dela, ao ponto de Calvino publicamente ter declarado que ele e Melanchton eram inseparavelmente unidos nesse ponto.²⁴

Portanto, as diferenças entre Lutero e Melanchton afetaram as futuras relações entre luteranos e calvinistas, por causa das posições tomadas no último estágio da vida teológica de Melanchton, especialmente nas matérias relativas à eucaristia.

2.3 *Influência de Ecolampádio e Bucer sobre Melanchton*

Contudo, antes dos dez anos de reflexão terminarem, Melanchton já mostrava sinais de dúvida com respeito à *unio sacramentalis*. Seeberg descreve que “em 1531 Melanchton secretamente já expressava sua opinião de modo claro o suficiente para se reconhecer a presença da divindade de Cristo na Ceia do Senhor, mas não a união do corpo e o pão”.²⁵

A semente de dúvida nascera nos contatos com pensadores reformados, como Bucer e Ecolampádio. Numa carta a Johannes Brenz, Melanchton reconhece que levou o pensamento de Bucer para Wittenberg. Nessa carta, datada de 12 de janeiro de 1535, está afirmado:

Meu caro Brenz, se houvesse qualquer diferença de nós com respeito à Trindade e outros artigos, eu não teria nenhuma aliança com eles... A respeito da Concórdia, contudo, nenhuma ação foi ainda tomada. *Eu somente trouxe as opiniões de Bucer para cá [Wittenberg]*. Mas eu gostaria de falar pessoalmente com você a respeito da controvérsia. Eu não constituo a mim mesmo um juiz, e prontamente concedo a você, que governa a igreja, e eu afirmo a presença de Cristo na ceia.²⁶

Estes reformados criam que o corpo e o sangue de Cristo eram verdadeira e substancialmente recebidos no sacramento, mas eles não estavam realmente conectados com o pão e o vinho. Negavam a união sacramental. No seu ardor extremamente luterano, F. Bente diz que Melanchton

²⁴ A frase latina de Calvino é esta: “*Confirmo, non magis a me Philippum quam a propriis visceribus in hac causa posse divelli*”. Citado por SCHAFF, *Creeds of Christendom*, vol. 1, p. 264, nota 2.

²⁵ Apud BENTE, *Historical Introductions*, p. 176-177.

²⁶ Apud *ibid.*, p. 178. Grifos meus.

permitiu-se ser guiado pelas autoridades humanas antes do que pela clara Palavra de Deus somente, isto porque Melanchton havia mencionado numa carta a Lutero que o pensamento de Ecolampádio sobre a ceia era exposto “com maior exatidão do que ele próprio escreveria”.²⁷

Na avaliação ardorosa de Bente, a visão calvinista da presença real de Cristo na ceia era produto das “autoridades humanas” e a visão de Lutero era “a clara Palavra de Deus somente”. Conheci pessoalmente essa visão luterana quando estudei entre membros do Sínodo de Missouri, em Saint Louis. A visão de ceia que eles tinham estava acima de qualquer suspeita.

Em dezembro de 1534, Melanchton foi a uma conferência com Bucer em Cassel, e nessa ocasião Lutero instou-o a defender a *unio sacramentalis* e o comer e o beber no sentido oral.²⁸ Ao retornar da conferência, Melanchton já estava convencido de que o pensamento de Bucer e Ecolampádio estava mais próximo da verdade do que o da interpretação literal de Lutero. O convencimento de Melanchton começou com uma aprovação disfarçada do pensamento reformado. Sem tomar abertamente a posição dos reformados, Melanchton foi tolerante com eles e aprovou-os na sua teologia quando deixou de reprová-los, o que era o intento de Lutero quando o enviou ao encontro de Bucer em Cassels. Em fevereiro de 1534, Melanchton escreveu a Brenz: “Eu claramente julgo que eles (Bucer e os outros) não estão longe da opinião dos nossos homens; aliás, na matéria em si, eles concordam conosco; nem eu os condeno”.²⁹

Contudo, escrevendo a um amigo, Erhard Schnepf, quando as suas concessões começam a se mostrar claras, Melanchton diz: “Ele [Bucer] confessa que, quando essas coisas, pão e vinho, são dadas, Cristo está verdadeira e substancialmente presente. Quanto a mim, eu não exigiria nada mais”.³⁰ A união sacramental não fazia muito mais diferença para Melanchton. Essa era a razão do descontentamento entre os luteranos radicais.

2.4 A confissão de sua tendência calvinista a dois amigos

Em 10 de janeiro de 1535, escrevendo ao seu amigo Camerarius a respeito de sua ida a Cassel como mensageiro de Lutero para lutar pela *unio sacramentalis*, Melanchton mostra com mais clareza o seu posicionamento em relação a Lutero e a sua própria crença antiga sobre a ceia:

Não peça a minha opinião agora, porque eu era um mensageiro de uma opinião estranha à minha, embora eu não esconderei o que penso quando tiver ouvido

²⁷ Apud *ibid.*, p. 177.

²⁸ BENTE, *Historical Introductions*, p. 177.

²⁹ *Corpus Reformatorum* 2.843, apud BENTE, *Historical Introductions*, p. 177.

³⁰ *Corpus Reformatorum* 2.787, apud BENTE, *Historical Introductions*, p. 177.

o que os nossos homens responderem. Mas a respeito dessa matéria toda lhe direi pessoalmente ou quando tiver mensageiros confiáveis.³¹

Em carta enviada a Brenz em 12 de janeiro de 1535, comentando sobre a opinião de Bucer e dos reformados sobre a ceia, Melanchton diz claramente:

Eu não desejo ser o autor ou defensor de um novo dogma na igreja, mas vejo que há muitos testemunhos de escritores antigos que, sem qualquer ambiguidade, explicam o mistério com tipos e tropos, enquanto os testemunhos opostos são ambos, mais modernos e espúrios. Você também terá de investigar se você defende a opinião antiga.³²

Desse período em diante, Melanchton nunca mais haveria de interpretar literalmente as palavras da instituição, que foram básicas e fundamentais para toda a teologia luterana da eucaristia. Certamente, o contato com Bucer e outros reformados foi importante para a decisão de Melanchton, mas ele já foi para aquela reunião de Cassel com ideias discordantes das de Lutero. Ele já não se sentia confortável com a *unio sacramentalis*, e a sua dúvida cresceu no contato de Cassel. A influência de Bucer e Ecolampádio foi a gota d'água, mas os pensamentos de Melanchton já titubeavam antes mesmo desse confronto pessoal de suas ideias com as deles.

2.5 Mudanças refletidas de Melanchton

As mudanças teológicas sobre a eucaristia na mente de Melanchton não vieram arbitrariamente, repentinamente, sem qualquer reflexão. Ao contrário, Melanchton era profundamente estudioso e altamente reflexivo. Suas mudanças de posição teológica nasceram na consciência de um verdadeiro erudito, que refletiu muito sobre suas ideias. Em carta ele confidenciou a um amigo: “Não há um dia ou noite nestes últimos dez anos que eu não tenha meditado sobre a doutrina da ceia do Senhor”.³³ Suas mudanças foram nascidas numa reflexão madura, sem o ímpeto de seus primeiros anos. O seu “calvinismo na eucaristia” foi produto de muita maturidade teológica. Obviamente, este não é o pensamento luterano que, apaixonadamente, na época, o considerou como virulento traidor.

3. DOIS TIPOS DE LUTERANISMO

Lutero, o Reformador da Alemanha, e Melanchton, o Mestre da Alemanha, depois do ano de 1533, embora continuassem se respeitando mutuamente,

³¹ *Corpus Reformatorum* 2.822, apud BENTE, *Historical Introductions*, p. 177.

³² *Corpus Reformatorum* 2.823s, apud BENTE, *Historical Introductions*, p. 178.

³³ SCHAFF, *Creeds of Christendom*, vol. 1, p. 261.

vieram a dar origem a dois tipos de luteranismo. Lutero gerou um luteranismo conclusivo e exclusivo; Melancton gerou um luteranismo expansivo e do tipo unionista. Lutero era mais conservador e adversário ferrenho dos opositores; Melancton era mais aberto e disposto ao diálogo com os que criam de modo diferente. Os dois tipos de luteranismo, os gnesio-luteranos e os filipistas, vão se chocar posteriormente, em especial depois de Calvino entrar em cena.

3.1 Os filipistas e a controvérsia

A doutrina da eucaristia, que refletia o ponto de refrega dentro do próprio luteranismo, era o teste da verdadeira ortodoxia. A doutrina da eucaristia era dependente da doutrina cristológica assumida. Referindo-se a essas duas doutrinas, Bente nos diz que

as doutrinas de Lutero sobre a Ceia do Senhor e sobre a pessoa de Cristo como sendo em cada particular o ensino claro e inconfundível da Palavra Divina – duas doutrinas, que talvez mais do que qualquer outra, servem como o teste para se saber se a atitude fundamental da igreja ou de um teólogo é verdadeiramente bíblica e plenamente livre de qualquer infecção racionalista e entusiástica.³⁴

Mas não era esse o pensamento dos filipistas. Como sacramentários que eram, começavam a divergir do radicalismo e do literalismo dos gnesio-luteranos. As acusações dos luteranos radicais contra os filipistas eram que eles estavam sendo calvinistas nas suas ideias sobre a ceia. A acusação tornava-se mais ácida porque os calvinistas, segundo os luteranos, não eram nada mais nada menos do que o zuinglianismo revivido, embora ligeiramente modificado.

Os calvinistas são considerados pelos luteranos radicais como aqueles que usam palavras parecidas com a teologia luterana, para se aproximar dos luteranos, mas o conteúdo do que creem é totalmente diferente. Na *Fórmula de Concórdia* pode ser lido:

Embora alguns sacramentarianos se esforcem por empregar palavras que cheguem tão perto quanto possível da Confissão de Augsburg e a forma e o modo de falar nas suas igrejas, e confessem que na Santa Ceia o corpo de Cristo é verdadeiramente recebido pelos crentes, ainda, quando insistimos que eles afirmem o significado própria, sincera e claramente, eles todos declaram unanimemente dessa forma: que o verdadeiro essencial corpo e sangue de Cristo estão ausentes do pão e do vinho consagrados na Santa Ceia, da mesma forma que os mais altos céus estão distantes da terra.³⁵

³⁴ BENTE, *Historical Introductions*, p. 172.

³⁵ *Ibid.*, p. 174.

Os calvinistas fizeram algumas concessões para poderem se aproximar dos luteranos. Calvino elaborou o *Consenso Tigurino* e ali, num esforço para unir todos os reformados, evidenciou a sua crença que era uma forma modificada de zuinglianismo. Os reformados não poderiam crer de outra forma. Os pressupostos luteranos e calvinistas eram muito diferentes para que entre eles houvesse pleno acordo. Houve uma tentativa da parte de Calvino de concordar com Melanchton e de assinar a *Confissão de Augusburgo*. Isso de fato aconteceu. Calvino assinou essa confissão luterana de 1540 e, em alguns círculos, foi geralmente considerado um luterano.³⁶ Mas o que Calvino na verdade havia assinado era a *Variata*, já com as mudanças na doutrina da eucaristia. Sobre isso, ele escreveu: “Eu não repudio a Confissão de Augsburgo, a qual previamente subscrevi no sentido em que o próprio autor [Melanchton] a tem interpretado”.³⁷

3.2 Os criptocalvinistas

A doutrina calvinista da Santa Ceia atraiu muitos territórios luteranos, especialmente no sul da Alemanha e na Saxônia. Durante as controvérsias sacramentárias no Palatinado, e na Westfália com Calvino, Melanchton permaneceu silencioso, e esta sua atitude valeu-lhe e aos seus seguidores o apelido de criptocalvinistas. Estes haviam adotado secretamente a doutrina calvinista e, por isso, foram chamados criptocalvinistas, ou seja, calvinistas mascarados ou escondidos. Muitos teólogos e leigos que tinham assinado a Confissão de Augsburgo e haviam expressado lealdade à teologia luterana, ocupando posições importantes na igreja luterana, faziam propaganda calvinista, esforçando-se por retirar os livros e doutrinas de Lutero, substituindo-os pelos de Calvino.³⁸ Essa atitude dos filipistas trouxe muita amargura aos chamados gnesio-luteranos. Assim, os dois luteranismos, o remanescente de Lutero e o de Melanchton, se chocavam, embora estivessem rodando na mesma direção, mesmo que sobre trilhos diferentes que frequentemente se cruzavam. Todos eram luteranos. Isto ninguém podia negar, mas os desencontros da controvérsia sobre a eucaristia produziram muitos trens descarrilhados.

3.3 Os luteranos radicais e a controvérsia

Provavelmente pelo respeito que Lutero tinha pelo grande mestre da Alemanha, ele nunca fez uma oposição virulenta contra o seu companheiro de muitos anos. Contudo, somente após a morte de Lutero, em 1546, é que a

³⁶ Ibid.

³⁷ Apud *ibid.*, p. 174. A frase latina original de Calvino é: “Nec vero Augustanam Confessionem repudio, cui pridem volens ac libens subscripsi, sicut eam auctor ipse interpretatus est” (*Corpus Reformatorum* 37, p. 148).

³⁸ *Ibid.*, p. 175.

controvérsia ficou cheia de azedume. Melancton morreu em 1560, catorze anos depois de Lutero, mas nesse meio tempo ele sofreu violentas críticas e perseguição da parte dos luteranos genuínos, também chamados *gnesio-luteranos*. Depois da morte de Lutero, os dois luteranismos ficaram ainda mais evidentes. Como se fossem dois exércitos inimigos, eles se digladiaram em várias controvérsias,³⁹ incluindo a da eucaristia.

3.4 Lutero é “deificado”

Como uma espécie de desprezo às posições melanctonianas e uma agressão a ele, alguns importantes partidários de Lutero, conhecidos como gnesio-luteranos,⁴⁰ começaram a tratar Lutero como antipapal e antizingliano, como se fosse o teólogo mais correto e sua ortodoxia a mais sadia de todas. Eles não conseguiam enxergar em Lutero alguma coisa de errado. Schaff diz que eles

fizeram de sua fraqueza uma virtude, tornaram suas extravagâncias polêmicas em dogmas, e converteram a expansão católica da Reforma num exclusivismo sectário. Eles denunciaram cada compromisso com Roma, e cada abordagem da comunhão reformada, como uma deslealdade extremamente covarde para a causa da verdade evangélica.⁴¹

Os gnesio-luteranos possuíam a “convicção de que cada ponto do ensino de Lutero era, de fato, nada senão a própria pura Palavra de Deus”.⁴² Lutero era visto por eles “como um profeta quase inspirado, e criam na sua interpretação (da Bíblia) como final”. No prefácio da *Confissão de Magdeburgo*, de 1550, Lutero é chamado de “terceiro Elias”, “o Profeta de Deus”, e a doutrina de Lutero, sem qualquer qualificação, é chamada de “doutrina de Cristo”.⁴³

³⁹ Há pelo menos seis outras controvérsias teológicas que apareceram entre a morte de Lutero em 1546 até 1578: 1) *Controvérsia Adiaforística* (1548-1555), que versou sobre a reintrodução de ritos e cerimônias romanos na igreja luterana; 2) *Controvérsia Majorística* (1551-1562), na qual George Major e Justus Menius defenderam a frase de Melancton de as boas obras são necessárias para a salvação; 3) *Controvérsia Sinérgica* (1555-1560) onde vários teólogos luteranos defenderam com Melancton que o homem por seus próprios poderes naturais coopera em sua conversão; 4) *Controvérsia de Flácio* (1560-1575) na qual Flacius, com apoio de outros, sustentou que o pecado original não é um acidente, mas a verdadeira substância do homem caído. Os Luteranos, inclusive os Philipistas se opuseram a esse erro; 5) *Controvérsia com Stancarus e Osiander* (1549-1566). Osiander negou o caráter forense da justificação, e ensinou que Cristo é a nossa justiça somente de acordo com a sua divina natureza; Stancarus, de modo oposto, ensinou que a nossa justiça é somente de acordo com a natureza humana de Cristo; 6) *Controvérsia Antinomística* (1527-1556) onde várias idéias sobre a Lei e o Evangelho foram expostas por João Agrícola, que dizia que o arrependimento não era trazido pela lei, mas pelo evangelho (ver em BENTE, *Historical Introductions*, p. 103).

⁴⁰ Entre outros podemos mencionar Amsdorf, Flacius, Jonas, Westphal.

⁴¹ SCHAFF, *Creeeds of Christendom*, vol. 1, p. 267.

⁴² BENTE, *Historical Introductions*, p. 172.

⁴³ SCHAFF, *Creeeds of Christendom*, vol. 1., p. 268.

3.5 Melanchton é reverenciado pelos filipistas

Diferentemente, os filipistas reverenciavam Melanchton simplesmente como um grande mestre, um homem aberto e desejoso de uma comunhão mais fraterna entre os líderes do movimento da Reforma. Schaff afirmou que

ambos os partidos sustentavam a suprema autoridade da Bíblia, mas os luteranos ficaram do lado da Bíblia como entendida por Lutero, e os filipistas do lado da Bíblia como entendida por Melanchton, com a adicional diferença de que o primeiro grupo olhava para Lutero como um apóstolo quase inspirado, e cria em sua interpretação como final, enquanto que o segundo reverenciava Melanchton simplesmente como um grande mestre, e reservava uma margem maior para a razão e para a liberdade.⁴⁴

Agora, Melanchton estava no lado oposto, justamente do lado daqueles que ele outrora atacara. Depois daquela data, ele havia refletido durante cerca de 10 anos, muito seriamente, sobre o peso dessa doutrina, e isso intrigava e irritava os luteranos radicais.

3.6 O que os luteranos radicais mais recentes fizeram com Melanchton?

Quando estudei entre os luteranos, em Saint Louis, Missouri, eu frequentava diariamente a bela e rica biblioteca do Seminário Concordia. Todavia, eu me incomodava com um fato: no hall de entrada da biblioteca havia painéis que homenageavam Lutero e vários outros “heróis” da Reforma Luterana, menos Melanchton. Certa feita, perguntei ao bibliotecário chefe sobre a razão da ausência da figura de Melanchton, e ele me respondeu que era por causa dos dois erros mencionados neste pequeno artigo. Então, perguntei: “Como vocês podem ignorar, deixando de homenagear, o grande homem que escreveu a Confissão de Fé de Augsburg e sua Apologia?” Ele ficou meio sem graça diante da pergunta, e não respondeu nada. Entretanto, algum tempo depois, confessou-me que estava havendo um movimento de pessoas dentro do luteranismo que estavam tentando recuperar a memória de Melanchton, restaurando o seu prestígio dentro da denominação. Eles puniram Melanchton depois da sua morte!

CONCLUSÕES

O que fazer diante de um movimento de reforma?

Os reformadores primavam pela verdade e sentiam fortes dores quando a verdade era torcida. Os reformadores não hesitavam em punir os que não

⁴⁴ Ibid., vol. 1, p. 267-268.

tinham a verdade da Escritura em alta conta. Hoje as igrejas não mais punem pastores por questões teológicas, apenas por questões morais. Hoje as igrejas não exercem disciplina sobre presbíteros que discordam dos nossos padrões de fé.

O que devemos abandonar da Reforma?

Devemos abandonar o espírito de perseguição a pessoas e o espírito separatista. Devemos abandonar o espírito de não ouvir o que os outros têm a dizer teologicamente. O grande problema é distinguir entre o que é e o que não é fundamental na fé para estabelecer padrões de condenação. Outro grande problema é de natureza hermenêutica ou de oposição ou adição às Escrituras.

O que devemos manter da Reforma?

Devemos continuar com o espírito de luta contra pensamentos teológicos perniciosos. Mas, ao mesmo tempo, devemos cultivar um espírito irênico até onde possível. Devemos nos concentrar nas coisas em que concordamos com outros irmãos e não nas coisas nas quais discordamos deles.

ABSTRACT

There is a singular tension between the two founders of the Lutheran tradition – Martin Luther and his colleague and successor Philip Melancthon. Despite his lifelong friendship with and admiration for the older reformer, Melancthon distanced himself from the thought of the pioneer around two important issues: the role of divine and human actions in salvation and the understanding of Christ’s presence in the Supper. Leaving behind his initial monergism, the assertion of the inability of the human will, the Master of Germany came to embrace a synergistic stance by affirming the “consent of human will to God’s word” as a requirement for salvation. Regarding the sacrament of the Supper, Melancthon distanced himself subtly from consubstantiation to a position closer to Calvin, with his understanding of a real presence in the spiritual sense. These new views gave rise to a strong and lasting debate between the followers of the two reformers – Gnesio-Lutherans and Philipists – which reverberates until today.

KEYWORDS

Martin Luther; Philip Melancthon; Free will; Monergism; Synergism; Lord’s Supper; John Calvin; Consubstantiation; Real presence.